Ano 28.º — Sábado, 21 de Setembro de 1935 — N.º 1389

O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3 - AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Protecção ao Trabalho

É sistema e virtude do regime corporativo a intervenção do Estado se verificar opressão na ordenação superior das actividades económicas e no suprimento das suas insuficiências orgânicas.

Libertámo-nos da tirania da igualdade jurídica, pela qual as medidas simplesmente administrativas haviam de ter carácter de generalidade, desatendendo as desigualdades resultantes da natureza das causas e das circunstâncias especiais verificadas em cada sector da economia nacional.

Cada ramo de actividade económica tem as suas particularidades, os seus problemas, os limites próprios de função e de capacidade. É, pois, dentro de cada um dêles que terão de ser estudadas e aplicadas as regras susceptíveis de produzirem o equilíbrio dos interêsses e a harmonia social.

Começou-se por criar as instituïções de direito e as instituïções sociais que dão o enquadramento das relações activas da produção. Com esta armadura político-social deram-se aos interessados os meios de fazerem prevalecer os seus direitos, ao mesmo tempo que se lhes impunha a estrita observância de deveres para com a colectividade.

Compreenderam-no bem depressa o trabalhadores, constituindo os seus Sindicatos Nacionais. A-pesar-da justificada impaciência, motivada pela situação criada por longo período da redução a uma escravatura social e pela noção que lhes era ministrada de soluções geométricas, no desejo legítimo de verem transformada a sua condição social, observa-se já o levantamento ordenado do novo edifício e, a par e passo, a satisfação das aspirações comportadas na obra definitiva que vai sendo realizada.

A resistência encontra-se ainda nos sectores patronais, junto de quem a Revolução actua fundamentalmente, por ser dêles que se gerou a revolta da gente do trabalho.

Não iludem as aparências das manifestações verbais de concordância com o regime corporativo. Se é exacto que a melhoria das condições de vida dos trabalhadores não póde verificar-se senão em presença do ordenamento da produção, não basta que os dirigentes das emprezas económicas pensem exclusivamente nêsse aspecto que directamente lhes interessa. É preciso que, segundo os princípios de justiça e de humanidade que constituem a estrutura moral do Estado Novo, seja sua primeira preocupação a resolução dos problemas sociais do Trabalho.

Ora o que se vê, com algumas excepções, são as intenções reservadas que levam para a constituïção dos Grémios, na esperança de nêles realizarem um apetecido *cartel*. Como manifestação da sua predisposição mental, oferecem o maior desprêzo pelas leis reguladoras do Trabalho e a prática insistente de abusos que ofendem a moral e o espírito social. Entre êstes conta-se o envilecimento dos salários e o aproveitamento da mão de obra fornecida pelas mulheres e pelos números.

Facilitou-se a organização livre e voluntária dos empresários. Esta tem como condição essencial a colaboração leal para a disciplina da produção, nela se considerando o trabalho que incorpora.

O espírito a que aludimos tem dificultado a aprovação de alguns projectos de constituïção de grémios. Outros ramos de actividade eximem-se mesmo a ingressar na ordem corporativa, prosseguindo em lutas de concorrência desordenada e ambiciosa, prejudicial para êles próprios e para a economia da Nação, sacrificando-lhes, ainda por cima, os interêsses dos trabalhadores.

O Estado não assiste impassível a estas manifestações conscientes de espírito anti-nacionalista. Precisa apenas de reconhecer a necessidade da sua intervenção.

Honra a inteligência do sr. Sub-Secretário do Estado das Corporações, fiel observante do pensamento político e social do sr. dr. Salazar, o despacho que deu em favor da situação criada pelos industriais de chapelaria aos seus operários.

São aquêles dos que mais têm abusado da tolerância do Estado, a ponto de, em plena Revolução Nacional, terem constituído afrontoso *cartel*. Debatem-se nêste ramo de actividade interêsses de grandes e pequenas emprezas, procurando os primeiros dominar os segundos. A conclusão foi lançarem-se muitos operários na miséria, vítimas inocentes do prélio capitalista. Baixaram-se injustificàdamente os salários. E como as mulheres e os menores são mão de obra mais barata, fizeram-se por êles substituír os homens.

Inversão de todas as regras morais, ataque rotineiro à instituïção familiar.

O Sub-Secretário do Estado repõe, em presença dos factos e da doutrina, a ordem necessária, proïbindo que naquela indústria se empreguem mulheres, noutros trabalhos que não sejam os de costura, e menores de 18 anos nos trabalhos de fula e a apropisagem, enquanto houver desempregados na categoria profissional.

Aparece, pela primeira vez, dado caracter oficial aos registos de desemprêgo nos Sindicatos Nacionais, visto não estarem criadas as agências de colocação a que se refere o Decreto n.º 23.712, de 28 de Março de 1934.

Outras soluções imperativas compelirão os industriais chapeleiros a normalizarem a sua actividade. Exige-o o interêsse nacional e a justiça que é devida aos trabalhadores.

R. de L.

Perigoso

Dizem-nos que se teem feito ultimamente exercicios de cavalaria no campo do Rossio, o que constitue um perigo para as crianças que por ali costumam brincar.

Chamâmos a atenção do sr. comandante do regimento para êste caso.

IMPRENSA

«GAZETA DAS CALDAS»

Este colega das Caldas da Rainha publicou um excelente número especial, no domingo, para comemorar a inauguração do monumento à rainha D. Leonor, ideia lançada e alimentada durante alguns anos nas suas colunas.

E' ilustrado com várias gravuras que lhe dão grande realce.

«HERALDO GUARDÉS»

Suspendeu a publicação, ao que parece definitivamente, o antigo semanário de La Guardia, fundado pelo saüdoso D. José Darse, e que tinha o título da epígrafe.

Lamentâmos.

Mau cheiro

Junto ao mercado do peixe aonde vai dar um braço da ria e se assinala a existência duma espécie de mictório que há muito devia ser retirado daquêle local, é freqüente notar-se, à noite, um cheiro pestilento e incomodativo, que, àlém de constituír um perigo para a saúde pública, muito deve afectar, também, os interêsses dos restaurantes ali situados.

Ora como se torna necessário, para bem da higiene, acabar com aquela imundice, apelâmos para o sr. sub-Delegado de Saúde a-fim-de que providências sejam tomadas tendentes a evitar os clamores que até nós chegam amiudadas vezes e dos quais nos fazemos éco.

João Aleluia

Escrevemos sob a dolorosa impressão duma morte que muito sentimos: a do velho amigo João Pinho das Neves Aleluia, proprietário da fábrica de louças e azulejos que usa o seu nome.

Foi ontem de manhã, quando os primeiros raios de sol despontavam no horisonte e espalhavam pela cidade a alegria do costume, que na casa do activo industrial entraram as trevas, transformando-a num recolhimento de tristêsa.

Eis a notícia rápida, sucinta, que hoje transmitimos aos nossos leitores por não podermos ir mais longe. No entretanto que a família do pranteado morto, a desolada viúva e os seus dois filhos, Gervásio e Carlos Aleluia, recebam, desde já, a expressão sentida do nosso pezar em presença do rude golpe que acabam de sofrer.

Êste número foi visado pela Censura

Romaria da S.ª das Dôres

Devido à concorrência esteve animadíssima a tradicional romaria da Senhora das Dôres de Verdemilho, aonde se reüniram muitos milhares de pessoas transportadas, a maior parte, em camionetes, que durante os dias de sábado e domingo atravessaram constantemente a cidade.

De Lisbôa também vieram assistir à festa, sendo hóspedes da família Lebre, cujas salas da moradia que possue na quinta se abriram, como de costume, para receber galhardamente os seus convidados, os srs. general Domingos de Oliveira, governador militar, e família; tenente Soares de Oliveira, seu ajudante de campo, e entre outras pessoas da região, os srs. capitão António Gonçalves Dias e tenente Martiniano Homem de Figueiredo.

Não houve a mais pequena nota discordante, verificando-se da parte de todos que à Virgem das Dôres vieram com devoção ou por simples divertimento, a máxima compostura, como, de resto, é próprio do nosso povo, ordeiro por índole, pacífico por natureza.

E ainda há gente que sonha com a guerra!...

O trabalho e a fadiga

—Pela fadiga se dosa o estimulo salutar do trabalho.

—A fadiga é como os venenos: ultrapassando certa dose, prejudica ou mata.

Um dos segredos da longevidade consiste em saber poupar o organismo da fadiga. Há indivíduos que trabalham febrilmente, sem descanso, sem reservar horas para o repouso e que produzem menos ou muito menos que outros que trabalham calmamente, sem sofreguidão, achando sempre tempo para tudo, inclusivé para distraír-se.

Julgamos que a nossa gente é, nêste particular, muito desordenada. A maioria não tem a noção do tempo, da ordem, da disciplina. Não tem, sobretudo, noção do «valor do tempo», do *time is money* dos ingleses e americanos. Ora o esbanja distraidamente ou inconscientemente; ora é possuida da mania de aproveitá-lo, até à estafa. Não tem horas. Não obedece a compromissos de hora marcada. Se um indivíduo diz que está em determinado local ao meio dia, chega uma hora depois: o relógio... está sempre atrazado. Uma festa ou cerimónia marcada para as três horas, já se sabe, começará às quatro, quando não, às 6 ou 8 horas.

Talvez exageremos a apreciação, ou esteja ainda àquém da verdade, na opinião de algum leitor metódico e pontual.

A falta de pontualidade caracterisa os hábitos dispersivos e desregrados da nossa gente, às vezes calma, vadia, amiga de permanecer horas a fio nas esquinas das avenidas, e outras vezes azafamada, irrequieta, nervosa, impaciente quando tem de esperar qualquer coisa. Nos *guichets* do correio, dos telégrafos, vê-se a impertinência dos que os abeiram por necessidade. No telefone... pobres, muitas vezes, das telefonistas!...

Entretanto, metodisando a vida, treinando a paciência, o dia alarga-se, o organismo e a paciência não se esfalfam.

Há pouco tempo pediram-nos que estabelecessemos *um dia para o homem que trabalha*, dentro das normas da higiene. Não é fácil. Seria preciso para isso colocar, numa mesma bitola, os mais variados misteres. Um jornalista não poderia obedecer ao mesmo programa que um banqueiro ou um funcionário público. Estabelecer o programa para cada classe de trabalhadores seria um nunca acabar.

O método de vida, cada indivíduo o deve estabelecer a seu critério e de acôrdo com as exigências das suas ocupações. Não é difícil; depende de um pouco de vontade, de respeito às necessidades orgânicos e ao respeito às conveniências mútuas, nossas e as dos nossos semelhantes. Há muita gente que não compreende esta última prescrição, como a que nos rouba, inutilmente, muito tempo, todos os dias.

De tudo isto conclui-se o seguinte: O trabalho, para ser eficiente e produtivo, requer método na sua execução. A máquina humana, como todas as outras, tem capacidade limitada de produção. Só poderá trabalhar desenvolvendo um certo esfôrço e durante um certo tempo. Fóra disso está sugeita a desarranjos, remediáveis ou não. A lei do descanso é universal.

Aos seres vivos é indispensável interromper periòdicamente as funções de reacção e fazer remissão na actividade das funções de vida vegetativa. Como dissémos certa vez, a nenhum animal é dado o privilégio de desobrigar-se do repouso, durante o qual os órgãos fatigados reparem as suas fôrças.

Para se viver com saúde e feliz, cumpre respeitar, religiòsamente, as horas de sono; para isso é indispensável dividir o dia em três oitos: oito horas para dormir, oito para trabalhar e oito para... comer, passear, barbear-se, para gimnástica diária, tomar banho, etc.

O *etc.* se incumbe de resumir o resto.

(Da Liga Portuguesa de Profilaxia Social)

"Os Amigos do Coelho,,

Como noticiámos no último número é ámanhã que chega a esta cidade a excursão promovida por aquele grupo conimbricense que irá a S. Jacinto colocar uma lápide na última residencia do malogrado aviador-mecânico Pinto Correia.

Os *Amigos do Coelho*, por intermédio deste jornal, convidam os clubs e todos os aveirenses a assistirem àquela cerimonia, que está marcada para as 12 horas.

Efemérides

21 de Setembro

1790—Nasce Lamartine, consagrado poeta francês.

1792—A Convenção Francesa vota a proposta do abade Grègoire proclamando a República.

1835—São proïbidos os enterramentos nos templos portugueses.

1882—Morre Walter Scott, celebre romancista inglês que escreveu entre outras obras *A Prisão de Edimbourgo* e *Os Puritanos*.

1886—Efectua-se em Lisboa, com certa imponência, o entêrro do general Gilberto Rôla, falecido na véspera. Era um dos fundadores do periódico *A Democracia*.

1907—E' inaugurado na Figueira da Foz o monumento ao grande patriota Manuel Fernandes Tomaz.

—Em Londres um fanático atenta contra a vida do Leão Tolstoi.

1908—Morre o notável violinista Pablo Sarasate.

1909—O aviador francês Rougier bate o *récord* da altura, chegando a atingir 198 metros e meio.

Cebolas

Chegaram os primeiros cambos para o mercado que durante a proxima semana se realisa no Largo do Rossio.

Não estão caras.

A nossa condenação

Transcrevemos do ultimo numero de *O Ilhavense*, ali, do próximo concelho de Ilhavo:

O "DEMOCRATA,,

Por uma questão de imprensa foi condenado a prisão o nosso amigo Arnaldo Ribeiro, distinto director do *Democrata*.

Ao incansável lutador pelos progressos da linda cidade de Aveiro, apresentamos os protestos da nossa solidariedade.

O director de *O Desforço*, de Fafe, um dos mais antigos jornais republicanos do norte do país, escreveu:

ARNALDO RIBEIRO

Este velho amigo, que dirige com inteligencia e superioridade o antigo semanário *O Democrata*, de Aveiro, tem de cumprir a pena de 4 mezes de prisão, por o Supremo Tribunal de Justiça confirmar a sentença que o condenou pelo delito de liberdade de imprensa.

Por ser vitima da sua missão jornalistica numa campanha que certamente levantou com bôa intenção, aqui lhe manifestamos os protestos da nossa solidariedade.

Reconhecidos aos dois confrades pelas suas cativantes palavras, que, se não aliviam o mal, consolam e fortalecem e nos dão ânimo e coragem para irmos até ao fim...

Feira de Março

Estâmos precisamente a seis mêses da abertura do mercado anual, que costuma realizar-se nesta cidade com uma duração não inferior a 15 dias. Pois bem: para que não seja depois alegada falta de tempo, começâmos, desde já, a lembrar às entidades nisso interessadas, como prometemos, a conveniência de algo fazerem por levantar essa feira, out'ora importantíssima, aproveitando dela o que da tradição ainda resta e introduzindo-lhe as modificações compatíveis com os tempos modernos.

Aveiro não tem, infelizmente, outros motivos que determinem a fixação de pessoas estranhas, durante algum tempo, se não êste. Porque não aproveitá-lo para interêsse da cidade? Porque não fazer da Feira de Março o que fazem as outras terras, como Viseu, Leiria, Beja, etc., etc.?

A Feira de Março não deve acabar. A Feira de Março deve rejuvenescer e modificar-se, segundo a época. Impõe-o a vida económica da cidade e é mister que assim aconteça pelo movimento que lhe dá, pela animação que lhe imprime.

Haja, pois, quem meta ombros à empreza e... vamos embora, para que Aveiro marque o seu lugar e se distinga e se valorise e progrida visto para isso não lhe faltarem recursos.

Festas regionais

Pela pasta do Interior vai ser publicada, se é que ainda o não foi, uma portaria do seguinte teor:

«Tem o Estado Novo, por alguns dos seus organismos, procurado revestir as festas regionais dum aspecto cultural, que, realçando o seu valor turístico e económico, possa contribuir também para o levantamento do nível educativo das populações.

Nesta orientação merece-lhe o maior interêsse animar a realização de tais festas, procurando promover o seu desenvolvimento e dar-lhes o maior brilho e eficiência.

Parece conveniente continuar a observar ou a restabelecer as naturais características dessas festas, a-fim-de obstar a que a indisciplina e a confusão venham tirar-lhes por completo o seu maior interêsse, sendo também motivo de estudo a proximidade de datas em que muitas delas se realizam, resultando daí um prejuizo económico para as localidades que as promovem. Assim, deve considerar-se a necessidade de cada festa regional ter o seu lugar num guia prèviamente estabelecido, tomando-as como fazendo parte dum conjunto devidamente estudado e onde serão respeitadas as suas características e as tradições locais, de fórma a completarem-se por vezes e nunca prejudicarem-se pela sua proximidade e semelhança.

Com tal fim:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, que uma comissão composta pelos cidadãos Luís Pastor de Macêdo, Luís Chaves, José Leitão de Barros, António Rodrigues Cavalheiro e Luís Teixeira, estude as bàses e normas dum elucidatário que permita orientar as festas regionais, para melhor utilidade do turismo, da cultura e da economia».

Concordando plenamente com o que ficá expôsto, desde já emitimos a nossa opinião sôbre a escôlha da época para a realização das Festas Regionais de Aveiro — durante os quinze dias em que tem lugar a Feira de Março. Isto, está claro, desde que se queira seguir a doutrina da portaria, pondo de parte todas e quaisquer ideias dos pescadores de águas turvas.

Razões? Abundam tantas que, decerto, o leitor inteligente as dispensaria. Mas nós as daremos num dos próximos números ou na ocasião oportuna para justificar o nosso ponto de vista.

Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal

O director tecnico deste organismo, recentemente criado, concedeu uma entrevista ao semanário viti-vinícola *Vinho* da qual vamos extraír algumas passagens para conhecimento dos nossos leitores das aldeias a quem muito deve interessar. Assim disse o sr. engenheiro agronomo Albano de Melo que a Federação vai entrar numa nova fase de trabalho, atendendo, especialmente, a melhorar o fabrico do vinho, pois que o mau vinho represent-, sob o ponto de vista moral, uma vergonha para a vinicultura dum país vinícola, como Portugal, que dispõe de bôas massas vínicas, como também, sob o ponto de vista económico, envolve uma baixa de preço porque menos se bebe e menor é o consumo. A isto acresce que o mau fabrico do vinho não dá garantias para a sua conservação e por causa dessa instabilidade, há sempre da parte dos vinicultores, mesmo os que têm dinheiro para poderem esperar, a pressa da sua venda, logo de entrada. Isto provoca logo um desiquilíbrio no mercado e nos preços, permitindo que o comércio se encha de vinho por baixo preço e dando-lhe assim a possibilidade de continuar na baixa porque não tem urgência nas suas futuras compras. Logo, dificilmente, os preços conseguem subir.

Para remediar êste mal são de adoptar as adegas cooperativas que vão ser construídas e em breve serão uma realidade. Mas enquanto elas ainda não estão em elaboração devem empregar-se todos os meios para melhorar o fabrico do vinho, criando novos processos onde os não haja, aperfeiçoando-os onde já se começou a cuidar disso em termos. Porque, não se podendo seleccionar desde já os vinhos de qualidade, os vinhos nobres, fabriquem-se, pelo menos, vinhos sãos, que nos dêm garantia de estabilidade.

De resto, como a colheita futura é escassa, que talvez não dê o suficiente para o consumo, convém que o produzido seja na máxima quantidade possível vinho bom.

A Federação não abandonará aos azares da sorte os que produzirem apenas vinho de queima, por insuficiência de recursos, mas o que a deve preocupar especialmente é o vinho bom, o vinho de copo. Para isto se conseguir, vai a Federação, de combinação com o Ministério da Agricultura, montar dôze núcleos de assistência técnica, chefiada por técnicos instruídos, que prestarão os seus serviços e conselhos e espalharão fôlhas de divulgação de conhecimentos úteis, que conta com o apoio utilíssimo da Imprensa da provincia para levar a todos os recantos a assistência escrita.

Como estímulo, anuncia que a Federação vai instituir prémios pecuniários de 1 conto, quinhentos e duzentos e cincoenta escudos, além de menções honrosas, para os pequenos produtores, os que produzam menos de 10 pipas, que se inscrevam no concurso *O melhor Vinho*, cujas bases fôram já espalhadas pela área da Federação.

Os trabalhos dos núcleos de assistência técnica começarão a funcionar no dia 26 do corrente.

Excursões

=o=

Desde o ultimo sabado que passaram por Aveiro, além de outros, mais os seguintes grupos: *Os Elegantes*, *Os Roscas*, *Os 7 pimpões de Santa Barbara*, *Se não queres não vale*, *Os 5 á hora*, *Os Pangaios do Verde*, *Os Pingarolas*, *Os Bons Amigos*, *Os Gosmas*, *Os Trouxas* e *Os Zaragateiros*, de Lisboa; *Os Pombinhos borrachos*, de Braga; *Os Lobos da Serra*, da Guarda e tres auto-cars de Setubal com mais de cem pessoas. Isto fóra os automoveis ligeiros com familias, algumas estranjeiras.

* * *

O *Grupo Excursionista de Chaves*, vindo na quarta-feira, visitou o Parque, o Muzeu e esteve nas praias do Farol e Costa Nova.

Faziam parte deste grupo os srs. dr. José Lino da Cunha Sotto Mayor e Armando A. Jerónimo, que tiveram a gentileza de vir á nossa Redacção apresentar cumprimentos.

Muito reconhecidos.

Ranchos de Aveiro

—o—

Tendo ido tomar parte nos festivais que em Vila do Conde se realizaram durante a *Semana da Misericórdia*, o semanário que ali se publica com o título de *O Democrático* dedica às *Tricaninhas da Mocidade* as seguintes linhas de apreciação cuja leitura se recomenda por honrosa:

O penultimo «Rancho» que tomou parte na «Semana da Misericórdia», foi o das «Tricaninhas da Mocidade» de Aveiro, que mais uma vez veio confirmar o alto conceito em que está tido, de um «Rancho» de primeiro valôr, o que lhe é reconhecido por todos aqueles que sabem apreciar e julgar, com imparcialidade e justiça, o que valem organisações artísticas desta natureza sem necessidade de se apresentarem como tecnicos e competências.

Sem favor ou lisonja, o «Rancho» visitante de Aveiro, apareceu muito melhorado nas suas danças, notando-se-lhe mais desenvoltura e melhor marcação, porque, no «canto», continúa a ser magistral, podendo os aveirenses orgulhar-se e muito especialmente o seu abalisado director artístico sr. Firmino Costa, de possuir um «Rancho» homogeneo, numa beleza admirável de sonoridade, ritmo, harmonia, segurança, que lhe vem de um conjunto de vozes sãs, bem timbradas e com intuição natural para o canto.

O tenor Nuno, de voz melodiosa e sentimento, tem logar de relevo ao lado dos seus companheiros, sendo justo realçá-lo.

O «Rancho» das Tricaninhas não precisou que viesse a Vila do Conde um jari de tecnicos e «chavões» para o julgar segundo um critério muito especial, para lhe deprimir a sua tão regional indumentária, porque a classificação merecida deu-lha o nosso povo que acorreu em grande numero ao recinto dos festivais para premear justa e condignamente, com intensos e vibrantes aplausos, a sua magistral exibição que aos mais exigentes satisfez, obrigando-o a repetir alguns números.

E os «bravos» que se ouviram na noite de domingo ultimo, merecidos a todos os títulos, são aqui, nestas colunas, remetidos como preito de admiração e justiça.

Terminada a exibição, dirigiram-se os visitantes aveirenses para a séde do «Rancho da Praça», onde o membro da Direcção, Duarte Silva, num improviso, cheio de graça e sentimento, deu as boas vindas ao «Rancho das Tricaninhas de Aveiro».

E dancou-se animadamente ao som de um «Jazz» até à hora da partida para o comboio das 6... em que abalaram as gentis tricaninhas, algumas das quais deixaram aqui os seus corações presos... por momentos, --para sempre? Sabe-se lá o Destino!

Tricaninhas da Mocidade exibiu-se na noite de domingo nas Caldas da Rainha onde, de tarde, com a presença do sr. Presidente da República e de outras entidades, se inaugurou a estátua de D. Leonor. As suas dansas e canções regionais fôram muito apreciadas pela numerosa assistência, que se reüniu em volta do pavilhão levantado no Parque, e já havia também servido às *Cantarinhas de Verride*, que deram nas vistas pela maneira como se apresentaram — de cantarinhas à cabeça.

O rancho de Firmino Costa fez figura, mais uma vez; honrou-se e honrou-nos.

* * *

Também na mesma noite se apresentou no Furadouro, colhendo fartos aplausos, o grupo *Salineiras de Aveiro*, que continúa a ser ensaiado por António M. de Pinho.

Fábrica Aleluia

—o—

Embarcaram há dias para Hong-Kong (China) dez paineis de azulejos encomendados ao importante estabelecimento fabril da nossa terra e que representavam, uns, cênas capitais do descobrimento marítimo da India; outros, cênas de várias regiões do nosso país.

Não os vimos todos. Mas os dois que ainda pudémos admirar quando se procedia à sua embalagem foi o bastante para que tenhamos a convicção de que o trabalho da *Fábrica Aleluia* vai mais uma vez honrar lá fóra e bastante longe, o seu nome, já firmado noutras produções de vulto, concorrendo assim para elevar continuadamente a indústria aveirense.

Registando com satisfação todas as manifestações artísticas da *Fábrica Aleluia*, dignas de apreço, não queremos deixar passar em claro esta, por, tão distante, ir levar o nome da nossa Aveiro.

Doenças dos olhos

Acham-se suspensas no Hospital da Misericórdia desta cidade, até 13 de Outubro, inclusivé, as habituais consultas, aos sábados pelos srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, especializados em doenças dos olhos.

Crime horrível

É aquêle que cometem todas as pessoas que não aplicam na cabeça de seus filhos a célebre loção «Marie-Rose», a morte perfumada dos Piólhos e Lêndeas, insectos repugnantes que transmitem o Tifo, a Tuberculose e muitas outras doenças. Cada frasco de «Marie-Rose» custa só 5$50 em todas as drogarias.

Exija a «Marie Rose», nome e marca registados. Recuse todas as imitações.

Agência "Ford"

—o—

A firma *Soucasaux & Pimenta*, agente para o distrito de Aveiro da marca de automóveis *Ford*, abriu, no pretérito sábado, um *stand* para exposição e venda de carros e respectivos acessórios.

Situado no rés-do-chão do edifício onde se acha instalado o *Club dos Galitos*, à Praça Luís Cipriano, que já ocupou há anos, vem agora animar de novo e melhorar consideràvelmente o centro da cidade. Isso bastava para aplaudirmos a resolução dos srs. Soucasaux & Pimenta, se não houvessemos de aplaudi-los ainda pelo benefício trazido aos possuídores de automóveis *Ford*, da cidade e arredores.

Fômos, pois, à inauguração da nova casa, e, das 5 unidades expostas, recolhemos a mais agradável das impressões.

Verifica-se que, na sua mecânica, no seu admirável acabamento, nas suas linhas elegantes, os *Fords* são hoje carros de classe. Os *V-8* podemos classificá-los de sumptuosos e voadores. O *10 cavalos* é bem o carro económico de grande resistência, sendo admirável a disposição dada a todo o mecanismo. O *Bébé* é o carro utilitário por excelência. O camião *V 8* para 3.750 quilos de carga é magnífico de resistência, salientando-se a desmontagem dos semi-eixos sem desequilíbrio da carga.

Felicitando a firma *Soucasaux & Pimenta*, e agradecendo-lhe o amável convite, que dá ensejo a esta notícia, desejamos-lhe as maiores prosperidades.

O SAL

Acabou, por êste ano, a safra, devido ao alagamento das marinhas, não pela chuva, pouco abundante — apenas uns orvalhos — mas por as terem propositadamente inundado depois do dia 8, como é hábito antigo quando a estiagem se prolonga.

A produção foi grande.

Da pesca

Já apareceu á vista da nossa barra o lugre *Vaz*, que, da Terra Nova, é o primeiro navio a regressar com carregamento de bacalhau. O estado do mar, porém, não lhe permitiu a entrada, aguardando, por isso, lá fóra, melhor maré.

O *Vaz* foi, no ano passado, tambem o primeiro barco que chegou de Aveiro que chegou, tendo-lhe as colonias da Barra e Costa Nova dispensado um entusiastico acolhimento, que a tripulação agradeceu, de bordo, deveras sensibilisada.

Crónica da Farolândia

A fôrça que, segundo a divisa marxista, é a grande *accoucheuse* das sociedades, está na ordem do dia.

Não admira, pois, que a questão ítalo-etiópica emocione grandemente toda a gente e que, por isso, o pregão ovante e arrastado do Monteiro dos jornais tenha qualquer coisa de clarim alvíçareiro de grandes notícias.

Acresce que, com a retirada de dedicados paladinos da nossa Farolândia o termómetro da animação na praia marca uma sensível baixa de temperatura. Fazem falta as inventoras e alegres partidas de J. C. A., G. M., H. E. P. e até os pães de F. E.

Joeirando as minhas reminiscências, lembra-me que saíram, entre outras, as famílias: D. C., R. D., S. M., H. P., J. P., I. Q., C. T., F. T. e C. V.

Não é só, porém, para os lados do Nordeste africano que se acastelam nuvens de destruição; também aqui, na nossa modesta e pacata Farolândia, páira, eminente, malefício idêntico, embora de outra ordem. A praia, sobretudo, na parte compreendida entre as vizinhanças do farol e o molhe sul vai sendo reduzida sistemática e assustadoramente pelas mordeduras obsecantes e caprichosas do mar, que, marinhando rápido e indomável pela duna, cada vez mais diminuída, bate já de encontro aos prédios dos socorros a naufragos e do sr. Aurélio Regala e espraia-se até à porta do Hotel Farol e redondezas.

O edifício, onde funcionava a ronca, a velha ronca, pesadêlo dos veraneantes e alarme amigo para os marinheiros, já, no mês de agosto, como toda a gente sabe, foi a sua primeira vítima. E, contudo, a ronca — honra lhe seja feita — inclinada, qual pequena torre de Pisa, ainda resiste às suas fúrias, impávida, serena, altiva, sem uma única racha ou fenda e, a cair, cairá com nobreza, com elegância, como é moda agora dizer-se, como se fôsse um bloco inteiriço! Por tanto se, algures, levantámos os nossos brados encomiásticos pelos *canudos da Assembleia*, também justo é consignar-se aqui um — *hurrah!* — pela velha ronca que morre, como o intrépido almirante inglês, firme e imóvel na ponte do comando do seu navio que se afunda!

E sob igual ameaça estão os Socorros a Naufragos e até o Farol!

Logo que se deu começo às novas obras da barra, o sr. engenheiro Abecassis, indiscutível valor da nossa engenharia, executou, por determinadas obras do lado sul; mas os *cavaleiros*, na frase feliz do engenheiro R. de L., de Coímbra, não deram o seu aprazimento a tal projecto e agora está ai bem patente quem teve a nítida visão dêsse problema.

* * *

Deixêmos, porém, êste iluminismo profético tão obumbrante e tão pessimista e antegozemos a deliciosa perspectiva da festa de âmanhã.

Festa rija, festa ostentosa, festa cascalhante, pois, até mete a intervenção dum perito decorativo que deve vir de Aveiro.

Sim, senhores, é como lhes digo: festa de arromba.

O *bar* é enfeitado com dois meninos colossais... movidos a electricidade! — nem mais, nem menos. Servem-se, num dêles, caldo verde, bôlos de bacalhau, vinhos, enfim, comida de *sustância* e, no outro, bôlos, dôces e vinhos finos.

A Comissão é composta de M. R., L. S. e M. G., coadjuvada pelas irmãs Z. Valha a verdade, porém, que se diga que M. R., que já figurava nas comissões de outras festas, sempre se ausentou durante o período dos trabalhos, bem sei que justificàdamente, mas o facto é que, como diz o provérbio: *uns comem os figos e a outros rebentam-lhe os lábios*... Desta vez, contudo, agirá proficuamente e oxalá que assim seja.

Pois como lhes ia dizendo, grassa grosso entusiasmo para esta festa, denominada *regional* se bem que em vez de *caldeirada* haja caldo verde! E, dizem, tudo numa *polvorosa*.

Isto, em geral; que, em particular, não faltam palpitações vibrantes, alvoroçadas, inquietas pela vinda de J. C. A. convidado telegràficamente. E se êste já perdeu as *asas brancas*, de que fala Garrett, tem ainda o recurso do seu automóvel. Mas cautela, J. C. A., muita cautela, como se aconselha na cantiga. Olhe que há perfumes es-tonteantes e olhares perturbantes. Rima e é verdade...

E... *c'est fini*, por hoje, para passar a transcrever mais algumas cantigas do Baile das Chitas, que ainda pude recolher:

A Estela também quiz
no charuto ir a remar;
tem pouco treino, voltou-se
e molhou os pés no mar!

É futuro marinheiro,
também forte, elegante,
deu casca com a areia,
tem um defeito: é pedante.

Não há ninguém que não compre,
já na praia um homem diz,
vassouras de bigodeira
do nosso amigo Luís.

Também quere uma quadra
Mademoiselle Robalinha,
não me faça mais pedidos
pois, se não... perco a linha.

Joga o box e mais sports,
não dá casca, é bom amigo.
Tem charuto, pouco fuma,
ó Gastão, êste é consigo.

A Júlia é pequenina,
mas tem um ar doutoral,
está sempre a dar conselhos
mas... em bem, que nanja em mal.

Ninguém contava com isto,
ó meu Deus, quem tal diria,
êste ano a Maria Rosa,
fugida foi para a Curia!

14-Set.º-1935.

IGNOTUS

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: no dia 23, o académico Augusto de Brito, filho do tenente Alfredo de Brito, residente no Porto; em 24, a sr.ª D. Maria Luísa de Almada Saldanha Rodrigues dos Santos, esposa do tenente-aviador sr. José Rodrigues dos Santos e o sr. Custodio Marques Pitarma, importante industrial de panificação em Sacavem; em 25, a distinta professora, sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos, esposa do nosso amigo Henrique Ramos, proprietário da Fotografia Central e em 26, a sr.ª D. Maria do Ceu Trindade Ferreira, filha do comerciante sr. Antonio Ferreira; a gentil Maria Helena Lebre Canelas, filha do sr. dr. Roberto de Azevedo Canelas, de Cantanhede e o professor Lutario Casimiro da Silva, residente em Santa Comba Dão.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa retirou para Lisboa, o nosso conterrâneo sr. Jerónimo Peixinho, capitão da marinha mercante.

— Encontra-se nesta cidade o sr. Orlando Peixinho, pagador das Obras Públicas em Viana do Castelo.

Praias e Termas

Encontram se a veranear na Costa Nova o sr. João Luís de Rezende Júnior e a sr.ª D. Aida Bismark Ferreira, seu marido e filhos, de Albergaria a-Velha.

— Estão a fazer uso das águas do Gerez as esposas dos srs. Silverio e Amadeu Amador.

Doentes

Agravaram-se de novo os padecimentos da sr.ª D. Maria Valente da Costa, cujo estado, infelizmente, inspira sérios cuidados.

—Recolheu outra vez à cama, em virtude de se ter agravado a doença que há meses o vem torturando, o sr. Jaime da Rosa Lima.

—Numa Casa de Saude do Porto tambem esteve bastante doente, encontrando-se, felizmente, melhor, o sr dr. José Dias Ferreira, farmaceutico estabelecido em Vagos.

—Em Eirol, onde reside e exerce o magistério primário, entrou em franca convalescença a sr.ª D. Carmen de Seabra F. Neves, esposa do nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professora oficial em Esgueira.

—No Caramulo, onde se encontram em tratamento, teem obtido sensiveis melhoras a sr.ª D. Isabel Mateus Ferreira Wenceslau, esposa do alferes Francisco Antonio Wenceslau, de Cavalaria 8, e o sr. Francisco Pereira de Melo Junior.

Secção desportiva

Foot-Ball

Beira-Mar--Vilanovense

No Campo de S. Domingos deve realizar-se àmanhã o primeiro encontro da nova época, sendo adversários o *Sport Club Beira-Mar*, desta cidade, e o *Vilanovense Foot-Ball Club*, de Vila Nova de Gaia.

Principiará às 17 horas.

Necrologia

Na linha ferrea e por ter sido colhido, de noite, por qualquer comboio, apareceu morto nas imedições do passo de nivel de S. Bernardo, o sr. Antonio Vieira dos Santos, de 68 anos, casado, e pai do sr. Luiz Vieira dos Santos, empregado na Agencia do Banco de Portugal.

* * *

Em Alqueidão (Figueira da Foz) tambem se finou a semana passada, vitimado por uma infecção, o sr. Ernesto da Silva Morgado, casado com a nossa conterranea, a sr.ª D. Maria Marques Rodriques e Morgado, professora oficial naquela localidade, de quem deixa um filho menor.

O extinto, que contava 40 anos de idade, era tambem cunhado das esposas dos srs. Antonio Tavares de Sousa e Manuel Gomes Gautier, industrial de panificação em Setubal.

A's familias enlutadas as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade Fausta de Lemos Abranches, viuva, de 27 anos, ceifada pela tuberculose e na *Preza*, Antonio da Silva, casado, de 48 anos, natural de Chão de Maçãs.

Agradecimento

António José Nunes Rangel, completamente restabelecido da doença que, durante dois anos, o reteve no Sanatório Maritimo de Francelos, não vendo possibilidade de, por outro meio, agradecer a todas as pessoas a quem interessou o seu estado, recorre a este jornal para a todas manifestar a sua gratidão e indelevel reconhecimento.

Aveiro, 19 de Setembro de 1935.

Correspondencias

Barra, 17

Foi de todos os tempos impôsto a quantos tomam a responsabilidade do desempenho de qualquer encargo, a obrigação e o dever de o cumprir integralmente.

Se o encarregado da caixa postal nesta praia não queria tomar o compromisso de satisfazer os serviços inerentes ao desempenho do cargo — que voluntàriamente aceitou e ninguém lho impôs — regeitasse-o. E dizemos assim porque os interêsses e conveniências do público não pódem estar à mercê da bôa ou má disposição de quem quere que seja. Não. O que se está passando não póde continuar embora se aproxime o fim da época balnear.

Os sêlos devem vender-se a toda a gente e não apenas a determinadas pessoas. Já não é pouco transtorno ter-se de ir a Aveiro registar as cartas, gastando-se para isso 5 escudos.

Pedimos, pois, urgentes providências a quem de direito com o fim de acabar com tais anomalias.

C.

Eixo, 8

A-fim-de que a luz electrida possa ir até á estação do caminho de ferro do Vale do Vouga e Rua da Senhora da Graça, veio levantar a respectiva planta o sr. tenente Gumerzindo da Silva, esperando-se que os moradores daquela rua não estejam muito tempo privados do util melhoramento.

—Acompanhado de sua esposa, acha-se entre nós o sr. Almirante Jaime Afreixo.

C.

Esgueira, 18

Decorreram com extraordinário brilho as festas que em honra da Senhora do Rosário aqui se realisaram, atraindo á nossa terra numurosos forasteiros.

O arraial na noite de sabado esteve bastante concorrido, sendo muito apreciado o fogo de artifício.

Tocaram, alternadamente, as bandas de José Estevão, dessa cidade, e a do Pinheiro da Bemposta, cujos reportórios agradaram.

Na tarde de domingo saíu a procissão, que percorreu o itenerário do costume, e na segunda-feira efectuou-se a anunciada corrida de bicicletas, sendo classificados os seguintes concorrentes: 1.º, Américo de Oliveira, de Albergaria-a-Velha; 2.º José Matias, de Vilar e 3.º José Teixeira, de Aveiro.

Entre os numerosos conterraneos que aqui estiveram recorda-nos ter visto os srs. José Fernandes de Abreu, Manuel Nunes Morgado, Manuel de Oliveira, José Vasconcelos e a gentil menina Albertina da Silva Costa.

—No ultimo sabado quando se procedia á ligação da luz, na cabine desta localidade, rebentou o transformador, não se registando, felizmente, qualquer desgraça.

—Voltaram os dias lindos, anunciadores do Outouno, a melhor quadra desta região.

C.

Oliveirinha, 19

A Senhora dos Remedios teve, no domingo, a sua festa anual, que constou de missa cantada, procissão e á noite iluminação a electricidade no largo da igreja onde tocaram as musicas de S. João de Loure e Eixense.

O arraial, bastante concorrido, terminou por um estrondoso *bouquet* de fogo de lagrimas e morteiros.

Entre a assistência notavam-se alguns conterrâneos residentes longe da freguesia, os quais aproveitam sempre esta ocasião para visitarem a familia e os amigos.

—Acham-se quási findos os trabalhos de campo, preparando-se agora os lavradores para as vindimas.

O ano, no geral, foi bom; só o vinho deve escassear um pouco, mas não faz falta por ainda havêr muito, sem colocação, dos anos anterioes.

C.

Costa do Valado, 19

Os pilha-galinhas, que os há em toda a parte, assaltaram numa das noites anteriores as capoeiras do professor Domingos de Carvalho e da sua visinha, sr.ª D. Ercília Alvarenga, donde levaram uma dúzia de cabeças, das melhores, tendo, ao que parece, bebido os ovos que encontraram no ninho das sobreditas cujas...

Os pilhas, decerto, andavam fracos e dos fracos não reza a história...

— Está aqui a passar um mês de licença o amigo Júlio Dias, funcionário superior dos correios em Caminha.

—Retirou para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso conterrâneo José Rodrigues Ferreira.

C.

A fechar

—

Um estudante que vive á custa dum tio muito avarento, encontra na rua um cão magro e lazarento e exclama:

— Infeliz animal! Com certeza tambem vives á custa dalgum tio.

CASA

Aluga-se na Avenida Central, próximo da Estação do C. de Ferro, podendo servir para Café ou Restaurante e com optimas acomodações para hospedes.

Falar com Francisco Santos, na Muitosa, ou com Eugénio Guimarães, visinho do predio.

Aluga-se o primeiro e segundo andar da casa n.º 15 da Rua Manuel Firmino. Tem 8 divisões e instalação eléctrica. Aluga-se barata. Dão-se esclarecimentos na mesma, rez-do-chão.